

**O REINO DE CRISTO NA TERRA:
PROFETISMO E MILITÂNCIA EM THOMAS MÜNTZER¹**

**THE KINGDOM OF CHRIST ON EARTH:
PROPHETISM AND MILITANCY IN THOMAS MÜNTZER**

Tarcísio Vanderlinde

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Marechal Cândido Rondon-PR.

E-mail: tarcisiovanderlinde@gmail.com

RESUMO: O artigo discute a atuação de Thomas Müntzer enquanto teólogo e militante durante a Guerra dos Camponeses. O conflito ocorreu na Alemanha na primeira metade do século XVI. De uma relação inicialmente amistosa com Martinho Lutero, Müntzer passaria a divergir do monge agostiniano pregando uma reforma radical envolvida com elementos religiosos que se identificavam com as reivindicações dos camponeses. A ousadia do teólogo o levou, juntamente com os camponeses, a um fim trágico. No século XX, a ação revolucionária do profeta chegou a ser associada ao ideário de “precursor da revolução socialista”. Entre os intérpretes das ações do teólogo destacam-se as contribuições de Hugo Echegaray e Ernst Bloch. Bloch viu em Thomas Müntzer o “teólogo da revolução”. A ênfase do artigo volta-se aos estudos realizados por estes dois intérpretes. Contudo, outras fontes, como as homilias de Thomaz Müntzer e os “Os doze artigos dos camponeses” procuram qualificar a reflexão.

Palavras – chave: Thomas Müntzer; Teologia; Guerra dos camponeses.

ABSTRACT: The article discusses the role of Thomas Müntzer as theologian and activist during the Peasants' War. The conflict occurred in Germany in the first half of the sixteenth century. Following the initially friendly relationship with Martin Luther, Müntzer would differ from the augustinian monk preaching radical reform involved with religious elements who identified with the demands of the peasants. The boldness of the theologian took him, along with the peasants, to a tragic end. In the twentieth century, the revolutionary action of the prophet came to be associated with the ideas of "precursor of the socialist revolution". Among the interpreters of the actions of the theologian tower the contributions of Hugo Echegaray and Ernst Bloch. Bloch saw in Thomas Müntzer the "theologian of the revolution". The emphasis of the article turns to the studies conducted by these two interpreters. However, other sources such as the homilies of Thomaz Müntzer and "The Twelve Articles of the peasants" seek to qualify the reflection.

Key- words: Thomas Müntzer; Theology; Peasants' War.

“Pois o dano lastimável da santa cristandade tornou-se tão grande em nosso tempo, que nenhuma língua o consegue descrever. Por esse motivo precisa levantar-se um

novos Daniel e interpretar-vos vossa revelação”

Thomas Müntzer
(homilia aos príncipes)

Artigo recebido em 07/04/2014.
Aceito em 25/06/2014.

INTRODUÇÃO

Em matéria de capa, em sua edição do dia 2 de setembro de 2002, no clima do primeiro aniversário do ataque às Torres Gêmeas de Nova Iorque, a revista *Época* publicou matéria na qual destaca que em tempos de crises e graves tensões internacionais, a crença de que o fim do mundo estaria próximo, sempre acaba ganhando força. Segundo o semanário, nos Estados Unidos, cerca de 170 milhões de pessoas acreditariam nisso. No Brasil, estima-se que pelo menos 36 milhões de pessoas estariam à espera do Apocalipse. A reportagem destaca que a natureza das pregações do apocalipse costuma ser potencialmente explosiva e implica uma divisão clara entre o bem e o mal, e um confronto iminente. Os autores da reportagem observam que, durante a Reforma Protestante desencadeada por Martinho Lutero, o pregador Thomas Müntzer teria chefiado uma revolta de 8 mil camponeses que, esperando participar do Armagedon, a batalha final entre as forças do céu e do inferno, marcharam com foices e enxadas para enfrentar seus senhores, no leste da Alemanha. Mal preparados para a batalha, acabaram sendo massacrados, de uma maneira que lembra o episódio de Canudos, no Nordeste Brasileiro, quatro séculos depois (ÉPOCA, 2002, p. 60-66). Sem intenção de problematizar o mérito e a consistência da matéria publicada, o destaque de pauta eleito pela revista revela que o conflito que envolveu Thomaz Müntzer volta a ser lembrado no início do século XXI, como referencial problematizador da motivação religiosa que estaria associada aos atos terroristas na cidade de Nova Iorque em 11 de setembro de 2001. Este é de fato o objetivo que move o autor na elaboração do texto: a motivação religiosa associada a conflitos sociais.

A partir de fontes específicas objetivou-se discutir a militância do teólogo Thomas Müntzer durante o conflito envolvendo camponeses na Alemanha ao início da modernidade. A reflexão pretendeu abordar a influência teológica e discursiva do teólogo no ambiente de litígio. Alguns

textos escritos pelo teólogo permitem aproximações com o seu pensamento numa perspectiva de “Thomaz Müntzer por ele mesmo”. Na “homília aos príncipes”, por exemplo, além de criticar Lutero, percebe-se um pastor preocupado com a decadência moral da cristandade o que o leva a se colocar como um novo Daniel – alusão à figura do profeta assessor no reinado de Nabucodonosor em Babilônia, século V a. C. – a disposição dos príncipes para aconselhamento em causas espirituais e temporais. Entre outras questões, Müntzer procura demonstrar que maneja com destreza textos bíblicos e enfatiza que este aspecto constitui uma das essencialidades para quem pretende ser pastor confiável:

É necessário saber que não se pode nem aconselhar nem ajudar a pobre, mísera e decaída cristandade, a não ser que os laboriosos, infatigáveis servos do Senhor diariamente pratiquem a Bíblia com hinos, leitura e pregação. Mas aí a cabeça dos animalhados sacerdotes precisará sofrer constantemente grandes choques ou então deverão trocar de ofício (MÜNTZER, 2000, p. 185).

Para além das mensagens não explícitas nos textos legados por Müntzer, novas avaliações das ações do teólogo continuam sendo construídas. O artigo tem o objetivo de contribuir nesta direção ao visitar autores como Ernst Bloch e Hugo Echegaray, este último identificado como uma referência teológica latino-americana a se envolver com a temática. Porém contará com outros referenciais no intuito de qualificar o assunto permitindo-se uma nova abordagem sobre as ações de Thomas Müntzer durante o conflito.

Ao introduzir, cabe ainda algumas palavras relacionadas à época e ao ambiente que estimulou a “teologia revolucionária” de Thomaz Müntzer. Para o intento optou-se por destacar escrito programático atribuído aos rebeldes conhecido como “Fundamentais e Verdadeiros Artigos Principais de todo o Campesinato e dos Vassalos sob as Autoridades Religiosas e Seculares, pelas quais se Creem Sobrecarregados”ⁱⁱ.

Algumas discussões têm sido levantadas sobre a origem e autenticidade deste documento. Segundo o historiador Peter Burke o documento teria tido o objetivo de dar publicidade à causa dos camponeses, mas apresenta um problema por não se saber com segurança quem o redigiu. Não há clareza, por exemplo, se as exigências contidas no documento seriam as que mais importavam aos camponeses, ou para os autores que redigiram as reivindicações em nome deles (BURKE, 1995, p. 102).

Outras pesquisas concluem que seus autores poderiam ter sido personagens identificados pelos nomes de Sebastião Lotzer, oficial de peleiro, pregador leigo, e Christoph Schappeler, ambos vivendo na região de Memingen. Lotzer e Schappeler teriam elaborado o documento baseado em artigos previamente formulados e oriundos da região do Alto Reno (RIETH, 1996, p. 274).

As eventuais controvérsias que possam existir sobre a origem do documento não comprometem a importância da mensagem que carrega. O que se pode observar é um exemplo da complexidade que envolve documentos antigos sobre os quais o pesquisador se debruça. Defende-se a tese de que os “Doze Artigos” pode ser considerado um documento com bastante credibilidade, e que sua análise permite formular uma ideia sobre o panorama da situação camponesa na Alemanha na primeira metade do século XVI. Martinho Lutero deixou diversos escritos onde faz referências diretas a este documento. Além disso, os escritos deixados por Lutero e Müntzer estariam entre as fontes primárias mais ricas a disponibilizar informações sobre a *Bauernkrieg*ⁱⁱⁱ, das controvérsias ideológicas dos dois teólogos, e, acima de tudo, da violência física que acabou sendo estimulada pelas posições teológicas destes dois protagonistas.

De uma relação inicialmente amistosa, as divergências teológicas entre os dois teólogos se acentuaram, levaram a uma situação em que a tentativa de reconciliação não se tornaria mais possível. Em seus estudos sobre os teólogos, Vieira (2002, p. 58-68) chega a algumas conclusões que nos permitem avaliar sucintamente a questão. Para Müntzer, Lutero, o “doutor mentiroso e vida mansa”, havia se aliado às autoridades e se acovardado diante das injustiças, não levando às últimas consequências sua doutrina reformatória. Para Lutero, Müntzer, o “discípulo do diabo e falso profeta”, queria apenas promover desordens e tumultos com ações violentas e falsas doutrinas. Esse teria sido o motivo que teria levado Lutero a se dirigir aos príncipes advertindo-os da ameaça representada por Müntzer, que se havia tornado popular por suas pregações na região de Allstedt, ganhando a simpatia dos menos favorecidos.

Lutero teria denunciado Müntzer de que ele pretendia usar a força e se opor à autoridade com violência, e organizar para tanto uma rebelião. Lutero era da opinião que se os camponeses efetivamente seguissem por esse caminho, os príncipes deveriam impedi-los, pois era para isso que a autoridade lhes havia sido concedida. No contraponto, utilizando-se de textos de Isaías e Miquéias, Müntzer teria acusado os príncipes de ladrões e bandidos. Ciente da gravidade que

envolvia a questão camponesa, Müntzer propôs ações de represália contra nobres e senhores, reconhecendo que, de outro modo, nada conseguiriam. Para ele, algo precisava ser feito, e sem demora, mesmo que para isso fosse necessário empunhar as armas e declarar a guerra. Motivações de origem religiosas estiveram presentes no conflito.

Conflito e motivação religiosa

A incitação religiosa da violência é trabalhada por Natalie Zemon Davis em texto que nomina “Ritos da violência”. Segundo a autora, há a constatação entre estudiosos de que os levantes religiosos são prováveis quando se acredita que as autoridades religiosas e/ou políticas falharam em seu dever ou precisam de ajuda para cumpri-lo. Mesmo no caso extremo da violência religiosa, as multidões não agem de maneira impensada. Elas possuem, em certa medida, uma percepção de que o que estão fazendo é legítimo, as ocasiões estão de algum modo relacionadas à defesa de sua causa e seu comportamento violento possui certa estrutura ritual e dramática (DAVIS, 1990).

Se considerarmos a motivação religiosa em conflitos ou movimentos sociais do tempo presente pode-se constatar a atualidade dos estudos desenvolvidos por Davis. A hermenêutica específica de textos considerados sagrados e a sua relação com a violência, constitui um atraente tema de investigação onde se leva em conta a formulação e a recepção destes textos. No que se refere à ressurgência dos fundamentalismos na contemporaneidade pode-se chegar a conclusão, por exemplo, de que analisar um Alcorão ou uma Bíblia “sob medida” sempre trará resultados eivados de ambiguidades.

A partir do surgimento do Cristianismo, diversos movimentos messiânicos no Ocidente se pautaram em interpretações particulares da Bíblia ou de algum outro texto considerado sagrado. No caso do Cristianismo, o surgimento de novos grupos religiosos pode se dar na ênfase e na interpretação que se constrói a partir de uma determinada passagem bíblica. Por outro lado, novas práticas religiosas também podem ser inventadas por inspiração bíblica ou pela resignificação das “tradições”^{iv}. Textos veterotestamentários costumam ser utilizados nas lutas e nas ações dos movimentos sociais no Brasil que contam com a mediação da Comissão Pastoral da Terra (CPT)^v.

A celebração litúrgica conhecida como “Romaria da Terra” pode ser considerada um exemplo de culto religioso não oficial, “subversivo”, onde textos bíblicos são atualizados em decorrência das demandas dos movimentos sociais. Os camponeses, num contexto de longa duração, resistem e se articulam de formas diversas no Brasil neste início de século. As lutas dos agricultores como também de outros grupos que se sentem marginalizados continuam hoje envolvidas com religiosidade (VANDERLINDE, 2008). Contudo, é preciso ressaltar que nem toda motivação religiosa envolvida em movimentos sociais incita a violência. Em muitas circunstâncias, as metáforas religiosas são utilizadas para avaliar criticamente a sociedade por grupos que se consideram a margem da história.

Ao considerar a situação dos camponeses na Alemanha do início do século XVI, Justo Gonzalez (1980, p. 81) observa que estes tinham sofrido por várias décadas uma opressão sempre crescente, tendo já ocorrido diversas rebeliões. Nenhuma havia atingido, porém, a magnitude da rebelião deflagrada a partir de 1524, além de que havia algo novo nesse levante. O que o diferenciava das rebeliões anteriores era a pregação dos reformadores. Mesmo que Lutero não cresse que sua pregação devesse ser aplicada em termos políticos, houve muitos pregadores contemporâneos de Lutero que não concordaram com este ponto de vista. Um deles teria sido justamente Thomas Müntzer, natural de Zwickau. Gonzalez relata que Müntzer havia incluído um elemento novo em suas pregações teológicas. Para além dos textos das Escrituras, havia a necessidade de revelação do Espírito Santo. Essa doutrina espiritualista tinha um ingrediente político, pois Müntzer cria que quem fosse nascido de novo por obra do Espírito deveria unir-se em uma comunidade teocrática, para trazer o Reino de Deus. Lutero havia obrigado Müntzer a abandonar a região, contudo o pregador regressou e uniu-se aos camponeses rebelados.

Mesmo se não fosse considerada a liderança de Müntzer, essa nova rebelião tinha um tom religioso. No escrito programático conhecido como “Doze artigos”, os camponeses apresentavam várias demandas econômicas, mas outras eram de cunho eminentemente religioso. Tratavam de baseá-las todas nas Escrituras, e seu último artigo declarava que, caso fosse provado que algum de seus pedidos era contrário às Escrituras, ele poderia ser retirado. Alguns dos itens apresentados pelos camponeses reivindicavam a livre escolha dos pastores, diminuição dos impostos sobre a terra, utilização dos impostos anteriormente pagos à Igreja em benefício das comunidades, abolição da servidão e liberdade para caçar nas grandes florestas pertencentes à

nobreza.

Mesmo que Lutero não tivesse visto a relação de reivindicações camponesas, a opinião de historiadores é que a rebelião teve motivação religiosa a partir das pregações do reformador e seus seguidores, entre os quais se destacava Thomas Müntzer. A posição ambígua de Lutero em relação à rebelião teria gerado indignação entre os nobres. Quando Lutero teria tomado conhecimento das reivindicações dos camponeses, dirigiu-se aos príncipes, dizendo-lhes que o que se pedia era justo. Mas quando a rebelião tomou forma, e os camponeses se armaram, Lutero teria tratado de dissuadi-los e, posteriormente, instado os príncipes a tomarem medidas repressivas. Ainda, depois, quando a rebelião foi sufocada no sangue, Lutero teria exigido dos príncipes misericórdia para os vencidos. Mas já era tarde. Suas palavras não teriam sido ouvidas e calcula-se que mais de 100.000 camponeses foram mortos. A experiência não foi considerada positiva para a causa da Reforma. Os príncipes católicos culpavam o luteranismo pela rebeldia e, a partir de então, proibiram a pregação da Reforma em seus territórios. Quanto aos camponeses sobreviventes, muitos deles abandonaram o luteranismo e regressaram à velha fé ou se tornaram anabatistas (GONZALEZ, 1980, p. 83).

Lienhard (1998, p. 369) lembra que Karl Marx havia chegado a designar esta rebelião como o fato mais radical da história alemã e além de informar sobre diversas fontes a serem consultadas sobre a temática, coloca o embate entre Lutero e Müntzer como o mais grave conflito teológico entre o Reformador e outros humanistas.

O profeta rebelde

Müntzer viveu num tempo considerado delicado em que os pobres clamavam por justiça e se posicionou radicalmente a partir de suas ideias e convicções. Foi até a morte por causa disso. Alguma coisa precisava ser feita por aqueles camponeses. Müntzer achou que poderia contribuir com a visão messiânica da qual acreditava estar comissionado. A história sobre a militância de Müntzer entre os camponeses continuou recebendo atenção de teólogos, historiadores e outros pesquisadores durante os últimos dois séculos e continua gerando discussões neste início do século XXI. Um dos textos da atualidade sobre Thomas Müntzer foi escrito pelo sacerdote peruano Hugo Echegaray^{vi}.

É no contexto de uma visão de libertação, antitética às concepções teológicas de Lutero, que

Hugo Echegaray constrói sua reflexão sobre Thomas Müntzer. Sua reflexão se insere no âmbito das manifestações vinculadas à Teologia da Libertação da América Latina na segunda metade do século XX. Segundo o autor, o movimento de rebeldia havia começado na Boêmia por volta de 1520, explodindo efetivamente em 1525 e teria se estendido à Alemanha como uma mancha de tinta. Em Zwickau, os artesãos e operários das minas de prata da região pegaram em armas para tentar estabelecer o Reino de Cristo na Terra sob o mando de um líder espiritual carismático, o sacerdote Thomas Müntzer. De acordo com pesquisa realizada pelo autor, Müntzer não teria nascido na pobreza como alguns relatos frequentemente afirmam, mas num ambiente remediado. Quando se apresentou pela primeira vez em público, não se teria colocado nem como vítima e nem como inimigo da injustiça social, mas como estudante eterno, extraordinariamente instruído ou profundamente intelectual. Depois de formar-se na universidade e ser ordenado sacerdote, teria levado uma vida agitada e incansável, procurando sempre lugares onde pudesse continuar seus estudos. Seu zelo pela leitura tinha um alvo: era dirigida à solução de um sério problema pessoal. Consta que Müntzer era uma alma atribulada, cheia de dúvidas sobre a existência de Deus, procurando obstinadamente a certeza – de fato estava no estado instável que frequentemente termina em uma conversão (ECHEGARAY, 1989, p. 86-87).

Já outra versão traça um retrato diferente do profeta. Nesta, Müntzer não possuía formação bíblica séria. Após sua ordenação havia se convertido em discípulo de Lutero. É expulso de Zwickau em 1520, por Storch, partidário de Erasmo. Retirando-se para Praga, formulou aí seu programa teológico e profético, no documento conhecido como “Manifesto de Praga”. Depois será encontrado em Allstadt onde casa e desenvolve um ministério de pregação e catequese entre os pobres. Ocupa-se em traduzir textos bíblicos e prega um cristianismo comprometido. Suas diferenças com Lutero se desenvolvem não apenas por sua vinculação ao agitado movimento dos deserdados do campo ou da cidade. Para a sensibilidade de Müntzer, a fé é algo difícil porque exige obras. Quanto sua vinculação ao movimento camponês, consta que Müntzer não teria estado em sua origem, e não se poderia em caso algum atribuir a ele a responsabilidade pela sublevação. As causas do movimento teriam sido bastante complexas e Müntzer não teria sido mais do que seu intérprete cristão. Vinculado às vicissitudes do momento, Müntzer anuncia uma nova ordem social vinculada ao Evangelho e reforça a inspiração religiosa da insurgência política tentando, a partir dela, uma nova aproximação à palavra mobilizadora do Evangelho. Echegaray

considera que em Müntzer se delinearía uma visão enobrecida da humanidade dos pobres, eles que passam mal, que sofrem, que não vivem da avareza, nem da luxúria como os príncipes, e porque desprezam os bens deste mundo, são os que preparam um novo mundo (ECHEGARAY, 1989, p. 87-89).

Numa hermenêutica ao artigo III^{vii} das reivindicações camponesas, Echegaray conclui que sob a liderança de Müntzer, eles colocam em ação a meta distante do Reino e a transformam em princípios socialmente críticos as teses que Lutero havia reservado ao domínio da consciência. Esse é o sentido do artigo mencionado. Para eles, confinar a liberdade ao mero domínio da consciência, além de impossível, é renunciar por completo à liberdade. A liberdade, portanto, não admite as dicotomias pregadas por Lutero. Se aspira ser verdadeira, isso implica, para Müntzer e os camponeses, que deve transformar-se em reestruturação social e projeto coletivo. Na liberdade de consciência e na lógica da total distinção entre os dois reinos, o temporal e o espiritual, Lutero exortará os príncipes a afogarem a rebelião em um banho de sangue, apelando à paz e à ordem necessárias para a expansão da Igreja reformada, justamente a paz e a ordem que Müntzer condenava (ECHEGARAY, 1989, p. 90-94).

Echegaray propicia um balanço do saldo da confrontação teológica e política entre Lutero e Müntzer. Segundo ele, ambos os reformadores coincidiram em um postulado de inegável importância teológica, que é o da transcendência da fé. Só que cada um deles, em nome do mesmo princípio, teria chegado à consequências opostas. Lutero, na sua convicção, acaba adotando uma postura de legitimação da opressão política. Apoiando-se no mesmo postulado, Müntzer se opõe a ela e a combate ativamente. A coincidência em um postulado teológico não suprime essa radical diferença. Enquanto Lutero se apoia na autoridade feudal, Müntzer une-se ao movimento camponês e perece com ele em Mühlhausen em 1525. No caso de Lutero, a transcendência da fé o exonera de perceber as articulações necessárias com a estrutura da sociedade civil. Cada um move-se num campo próprio e autônomo. No caso de Müntzer, a mesma transcendência afirma-se como juízo condenatório de um universo social com o qual a fé não é compatível. Lutero e Müntzer, enfim, vivem e anunciam a fé a partir das zonas contrapostas do campo social, que os leva a tirar conclusões de um mesmo e fundamental enunciado teológico (ECHEGARAY, 1989, p. 96).

A pesquisa de Ernst Bloch^{viii} sobre Thomas Müntzer apresenta um resultado instigante.

Numa visão utópica, ele constrói em Müntzer um precursor da revolução socialista^{ix}. É forte a influência de intelectuais como Friedrich Engels e de Karl Kautsky em sua interpretação. Ao mesmo tempo, tece duras críticas a um texto escrito por Melancton, teólogo contemporâneo de Lutero e possivelmente autor da primeira biografia sobre Thomas Müntzer. Segundo Bloch, Melancton, na defesa da fé luterana, teria subvertido a verdadeira história do pastor, com um relato sectário, às vezes conscientemente mentiroso e quase sempre inutilizável. Na visão de Bloch, Müntzer tem uma infância difícil, experimentando, desde cedo, todas as amarguras da vergonha e da injustiça. Praticamente abandonado, cresceu como filho único de gente pobre. Cedo perdeu seu pai que, segundo consta, teria acabado numa forca, vítima de arbitrariedade política. Sua mãe maltratada foi expulsa da cidade, porque estava na miséria. Essas experiências iniciais teriam grande impacto na vida de Müntzer. Suas pregações eloquentes como sacerdote começaram cedo. Sua paixão intelectual fê-lo voltar para leituras de Eusébio, São Jerônimo e Santo Agostinho. Consta que, no início de sua carreira sacerdotal, Lutero teria tido uma boa impressão de Müntzer, mas que este, por sua vez, já então entregue a reflexões mais profundas, não teria tido um sentimento recíproco. Lutero, no entanto, o teria convidado para trabalhar em Zwickau, onde se tornaria capelão e pregador, uma cidade que era, na observação de Bloch, desde muito minada pelos inspirados. Mais tarde, expulso da cidade, produziria em Praga um manifesto que assustaria Lutero. Sua teologia acabou sendo considerada heresia o que teria provocado perseguição. Logo surgiria como um comunista revolucionário, que as velhas instituições não funcionariam mais por não passarem de espumas pretensiosas (BLOCH, 1973, p. 9-18).

O confronto entre Lutero e Müntzer é, em muitos momentos, observado por Bloch. Segundo ele, teria sido Müntzer o primeiro entre os reformadores a celebrar o ofício divino totalmente em língua vulgar, já na Páscoa de 1523, o que teria suscitado a invejosa sabotagem de Lutero. Sendo o primeiro a rezar e a pregar em alemão, acalentava o desejo de que o povo não atribuísse às obscuras palavras latinas um poder mágico. Müntzer via em Lutero uma fé fingida, e o acusava de uma subserviência ao Estado que nele legitimava todo o rebaixamento espiritual na Alemanha. Segundo Müntzer, os pasquins luteranos haviam intimidado a comunidade e tornaram os opressores mais afoitos, por isso seria necessário, de forma intensa, opor-se ao crescente mal, com o testemunho da destreza cristã. Nos confrontos com Lutero, consta que Müntzer teria

impresso em Nuremberg, seu mais famoso panfleto intitulado: “Muito bem fundada Apologia e Resposta a esta carne sem espírito que leva boa vida em Wittemberg e que, virando tudo pelo avesso, truncando a Santa Escritura, enxovalhou de maneira tão desoladora a miseranda Cristandade”. Na versão de Bloch, Müntzer amparado pela Sagrada Escritura desmascara Lutero, partidário dos príncipes, pronto a justificar a exploração e a tirania de classe (BLOCH, 1973, p. 21-37).

Avaliando o desfecho final na Batalha de Frankenhausen, Bloch observa que Müntzer morreu de uma difícil, amarga e precoce morte, sacrificado pelos inimigos do povo. Sua lembrança teria permanecido em discípulos secretos que o honravam como um homem piedoso, temente a Deus. Para seus discípulos, de seu espírito e palavra ninguém podia julgar. Bloch informa que, seis anos após sua morte, Lutero teria reconhecido que, em Muhlhausen, no local onde foi empalada a cabeça de Müntzer, se não fosse a intervenção de magistrados, aquele lugar teria se tornado um local sagrado e Müntzer venerado como um santo. Segundo Bloch, Lutero teria tido remorsos ao saber da morte de Müntzer (BLOCH, 1973, p. 75-76).

Müntzer teria sido um profeta além da palavra. Não seria mera dissolução que queria apenas rasgar o “Livro dos livros”, como se faria mais tarde, igualmente a qualquer outro. Ao contrário, renunciava-se à interpretação filosófica mais próxima para assim poder assimilar o que queria ser dito por trás. Müntzer recomendava que não se devesse fazer como os astuciosos, que citam um dito aqui, outro lá, sem acentuar interpretação do espírito total da Escritura. Só Müntzer se volta inteiramente e com desvelo a escutar a palavra que soa no oculto, e atendê-la (BLOCH, 1973, p. 190-193). A partir da prédica e teologia de Müntzer, Bloch ressalta o conteúdo messiânico da vida e militância de Thomas Müntzer: o Reino de Deus na terra:

Na Bíblia figura este conteúdo, altamente adiado e enormemente afastado para o fim dos fins como uma Jerusalém celeste a cair na terra. Sobre isso diz Müntzer finalmente: ‘Deus quer realizar a transmutação nos últimos dias, para que seu nome seja louvado corretamente; ele quer libertar o mundo de sua vergonha e quer derramar Seu espírito sobre toda a carne, pois se a cristandade não devesse ser apostólica, para que se deveria então pregar? Como a nós todos deve suceder no advento da fé que nós homens carnis nos tomaremos homens de Deus pela encarnação do Cristo, e, portanto com Ele discípulos de Deus, por Ele orientados e divinizados. Como disse antes completamente transformados, para que a vida terrestre se metamorfoseie em céu’. A este mundo de fé soma a aurora do Apocalipse, e justamente no Apocalipse ele ganha sua última medida, o princípio metapolítico, metarreligioso de toda a revolução: a irrupção dos filhos de Deus (BLOCH, 1973, p. 205).

O recorte revela a síntese teológica e o pensamento de Thomas Müntzer na visão de Ernst Bloch. É a partir daí que, com habilidade, o autor faz a conexão com os pressupostos marxistas e a intenção revolucionária que sente associada à Müntzer. Na visão utópica de Bloch, unem-se finalmente marxismo e sonho incondicional no mesmo passo e na mesma cruzada. Esquecido, e de uma condição desprezível, o homem passa a condição de partícipe na reconstrução do planeta Terra, criação e conquista do Reino (BLOCH, 1973, p. 207).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento de Thomas Müntzer na rebelião camponesa da Alemanha na primeira metade do século XVI se relaciona com a problemática que envolve os diversos processos de mediação. A mediação exercida por Müntzer parece ter sido motivada por um profundo senso de justiça diante da situação degradante vivida pelo campesinato naquele momento. Por outro lado percebe-se um mediador preocupado com a decadência moral da cristandade e a insuficiência do processo reformatório desencadeado por Lutero. No contexto de embates teológicos, a interpretação de textos sagrados realizados por Thomas Müntzer e Martinho Lutero acabou validando a força como meio legítimo para se alcançar objetivos pretendidos. No caso de Thomas Müntzer, adicionem-se motivações místicas, para além da “palavra escrita” que fizeram o protagonista se identificar a outros movimentos messiânicos registrados pela história^x.

A motivação que conduz um autor a estudar Thomas Müntzer pode levá-lo a ter mais preferências por alguns textos do que por outros. Neste caso, poderá haver certa dificuldade em identificar uma interpretação dominante. A interpretação de Ernst Bloch é mais conhecida do que a de Hugo Echeagaray. O assunto continua em aberto a espera de novos olhares, novas interpretações. Ao realizar os recortes e a reflexões sobre Thomas Müntzer, teve-se isso em mente. Contudo, defende-se a opinião de que Thomas Müntzer pode ser identificado como mediador espiritual e político de suas causas com todas as suas consequências. Cabe ao investigador a tarefa dos desdobramentos que a problemática ainda poderá suscitar.

Com a ressurgência de fundamentalismos em nosso tempo, a história de Müntzer na Guerra dos Camponeses, parece adquirir uma estranha atualidade. Sendo assim, defende-se a opinião de que eventos e ideias do início do século XVI podem jogar luzes para se discutir o problemático

início do século XXI. Parafrazeando Fernand Braudel (1990), não parece ser sem propósito a concepção de que o presente e o passado esclarecem-se mutuamente, como uma luz recíproca. Thomas Müntzer pode ser identificado como um profeta rebelde cuja militância o levou a um final trágico marcado por simbolismos que transcenderam seu tempo.

Na concepção de Ivone Cecília D’Avilla Gallo (2001, p. 154), os profetas representam um elo no seio de uma comunidade e agem como legítimos intérpretes dos desígnios de Deus, conhecedores dos arcanos divinos, aptos a ler a mensagem oculta nos fatos. Quando interpretam os acontecimentos, fazem-no por meio de uma linguagem metafórica e simbólica, em que as alegorias substituem, com sucesso, as regras discursivas correspondentes a um raciocínio lógico. As imagens contidas no discurso do profeta ampliam o sentido da mensagem, quando o público, que ouve atento, a sua fala, é capaz de visualizar os acontecimentos do futuro. Mas as prédicas não são palavras sem sentido, pois encontram um apoio nos ensinamentos do passado, normalmente nas Escrituras Sagradas e são essa memória e essa história que interferem na avaliação do momento presente.

Na situação que envolveu o profeta Thomas Müntzer concorda-se com Echegaray (1989, p. 103), para quem o profetismo do revolucionário se caracteriza como uma tentativa de alçar um pensamento político radical fundamentado predominantemente numa interpretação religiosa. A interpretação religiosa se sobrepõe a análise política, procedimento talvez ignorado ou considerado dispensável à época por Müntzer. Em decorrência, as ações são levadas a cabo em nome de princípios que ao adquirirem inflexibilidade comprometeram a luta.

NOTAS:

ⁱ Texto reconstruído com acréscimos a partir de recorte do primeiro capítulo da tese doutoral “Entre dois reinos: a inserção social luterana entre pequenos agricultores no sul do Brasil”. A tese foi defendida no Programa de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 2004.

ⁱⁱ O escrito mais conhecido como “Os doze artigos dos camponeses” é reproduzido em livro de autoria de Friedrich Engels com o intuito de propiciar subsídios para a discussão sobre as guerras camponesas na Alemanha (ENGELS, 1997).

ⁱⁱⁱ “Guerra dos Camponeses”.

^{iv} Luis Alexandre Solano Rossi desenvolve uma instigante relação entre a prática eclesiológica conhecida como Teologia da Prosperidade e uma sociedade pautada no consumo. O autor faz uma analogia entre a Teologia da Prosperidade e a política da rede McDonald’s de *fast-food*, um dos símbolos da sociedade de consumo. As quatro diretrizes do McDonald’s, consideradas o segredo do sucesso da marca são: eficiência, calculabilidade, previsibilidade e controle. Juntas, constituem as bases para a expansão eficiente da empresa pelo mundo. Aplicadas ao campo religioso ter-se-ia como resultado a McDonaldização da Teologia (ROSSI, 2011).

- ^v No conflito de Itaipu, ocorrido de 1978 a 1982, mediadores vinculados a CPT se utilizaram de metáforas veterotestamentárias para mobilizar os agricultores da região Oeste do Paraná na busca por uma indenização mais justa pelas terras que viriam a ser alagadas pela represa. Expressões como “Mausoléu dos Faraós”, ou “Arca de Noé”, acabaram se caracterizando como palavras de ordem que serviam para politizar a questão. O resultado foi a conquista de valores monetários mais justos pelas terras perdidas (VANDERLINDE, 2012).
- ^{vi} O editor da obra informa que Hugo Echegaray nasceu em Lima, Peru, em 1940. Estudou na Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional Maior de São Marcos e na Pontifícia Universidade Católica do Peru e foi membro da União Nacional de Estudantes Católicos daquele país. Depois formou-se em filosofia na Universidade Católica de Louvain e em teologia na Faculdade de Teologia de Lyon. Ordenado sacerdote em Lima, foi assessor da União Nacional de Estudantes Católicos e professor de teologia na Pontifícia Universidade Católica do Peru e no Instituto Superior de Estudos Teológicos. Ao mesmo tempo dedicou-se a assessorar a reflexão pastoral e teológica de muitas comunidades cristãs de base no Peru, e particularmente as comunidades de Vítarte (Lima). Também dirigiu a Revista Páginas, onde publicou inúmeros artigos. Faleceu em Lima, depois de uma breve enfermidade, a 6 de abril de 1979.
- ^{vii} “Que nos seja outorgada a qualidade de homens livres por havermos sido redimidos por Cristo, nascido livre, segundo as Escrituras”.
- ^{viii} Filósofo e sociólogo alemão, Ernst Bloch nasceu em Ludwigshafen, Alemanha, em 1885. De 1911 a 1914, em Heidelberg, onde foi aluno de Max Weber e colega de Karl Jaspers e Georg Lukás, com quem desenvolveu longa afinidade. Aderiu cedo ao socialismo, convencido da necessidade de uma revolução radical na Alemanha. Recusando-se a lutar na primeira guerra mundial, em 1915 fugiu para a Suíça, onde trabalhou como jornalista. Depois da guerra, voltou à Alemanha, publicando em 1921, *Thomas Münzer als Theologe der Revolution*, interpretação marxista da Reforma. O texto é considerado a primeira monografia de monta sobre Müntzer desde 1842 (o texto serviu como fonte para a elaboração deste artigo). Seu pensamento, influenciado pelo misticismo cristão, foi combatido por stalinistas. Bloch manteve fidelidade aos ideais morais e humanos de sua juventude sem aderir ao ativismo político (ALBORNOZ, 2004).
- ^{ix} O estímulo moderno à pesquisa em torno de Müntzer veio de historiadores marxistas influenciados pela reinterpretção proposta por Friedrich Engels, para quem o pastor era um teólogo que pregava a libertação da opressão social e política. Em um panfleto preparado para o quinto centenário de seu nascimento em 1989, um comitê na ex-Alemanha Oriental escreveu o seguinte: “a República Democrática Alemã tem se compreendido a si mesma como um Estado que vive de acordo com a ideia de Thomas Müntzer segundo a qual ‘o poder é dado à gente comum’. Na condição de homem que lutou com sacrifício próprio e dedicação pelo objetivo de construir uma nova sociedade em defesa dos interesses do povo comum, o exemplo de Müntzer demonstra valores éticos e morais que ainda produzem frutos na criação dos fundamentos do socialismo” (LINDBERG, 2001, p. 174).
- ^x Para mais informações confirmam-se as pesquisas realizadas por Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre os movimentos messiânicos no Brasil e no mundo. De acordo com a pesquisadora, messianismo relaciona-se a crença na vinda de um enviado divino, que trará aos homens justiça, paz e condições felizes de existência. A ação de um grupo obedecendo às ordens do líder sagrado, que vem instalar na terra o Reino da sonhada felicidade. A crença nasce do descontentamento, cada vez mais profundo, de certas coletividades, diante de desgraças ou de injustiças sociais e preconiza a transformação da situação vivida. Embora identificado mais na tradição judaico-cristã, o messianismo pode se apresentar como um fenômeno universal tendo inclusive suas versões laicas (QUEIROZ, 2003, p. 383).

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana Guerra. **A felicidade prometida segundo Ernst Bloch**. Disponível em: <www.celpecyro.org.br>. Acesso em: 8 maio 2004.

BLOCH, Ernst. **Thomas Müntzer, teólogo da revolução**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1973.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

DAVIS, Natalie Zemon. Ritos da violência. In: DAVIS, Natalie Zenon. **Culturas do povo; sociedade e cultura no início da França moderna**. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 129-156.

ECHEGARAY, Hugo. Lutero e Müntzer: duas concepções do processo de libertação. In: ECHEGARAY, Hugo. **Utopia e Reino na América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 78-104.

OS DOZE ARTIGOS DOS CAMPONESES. In: ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha**. São Paulo: Grijalbo, 1977. p. 117-122.

ÉPOCA. Rio de Janeiro: Globo, 02 set. 2002.

GALLO, Ivone Cecília D'Avilla. O contestado e o seu lugar no tempo. **Tempo**, n. 11, jul. p. 143-155, 2001.

GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1980.

LIENHARD, Marc. **Martinho Lutero: tempo, vida e mensagem**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

MÜNTZER, Tomás. Interpretação do segundo capítulo do profeta Daniel. In: BONI, Luis Alberto de (Org.). **Escritos seletos de Martinho Lutero, Tomaz Müntzer e Calvino**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 185-204.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2003.

RIETH, Ricardo W. Introdução à Guerra dos Camponeses. In: **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Editora Sinodal: Concórdia, 1996, v. 6. p. 273-283.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao McDonald's: Teologia e Sociedade de Consumo**. 2. ed. rev. Curitiba: Champagnat, 2011.

VANDERLINDE, Tarcísio. Celebração subversiva na fronteira. In: COLOGNESE, Silvio Antônio (Org.). **Fronteiras e identidades regionais**. Cascavel: Coluna do Saber, 2008. p. 59-73.

VANDERLINDE, Tarcísio. **Entre dois reinos**: a inserção social entre os pequenos agricultores do sul do Brasil. Niterói, 2004. 353 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.

VANDERLINDE, Tarcísio. Mística e resistência na fronteira: o conflito de Itaipu revisitado. In: SILVA, Regina Coeli Machado e; SANTOS, Maria Elena Pires (Orgs.). **Interdisciplinaridade e fronteiras**: movimentos, identidades e configurações. Cascavel: Edunioeste, 2012. p. 75-90.

VIEIRA, Paulo Henrique. A filosofia política de Martinho Lutero. **Estudos teológicos**, São Leopoldo, n. 1, p. 58-80, 2002.